

Corria o mês de Dezembro de 1984 e, por razões de saúde, acompanhei a minha mãe a Paris. Quem conhece esta cidade sabe bem o fascínio que ela transmite aos forasteiros. Em vésperas de Natal esse fascínio transforma-se em magia. Será, por ventura, um lugar-comum, mas que importa. Quem já a viveu sabe bem a voluptuosidade que nos invade ao percorrer aquelas ruas de passeios enfeitados. E, depois, alguns rituais: a esplanada envidraçada do *Café de la Paix* em frente à Ópera, caminhar ao lado de montras faiscantes até desembocar na Place Vandôme, o *Ritz*, o faubourg Saint-Honoré...

Mas vamos à minha história. Era Dezembro e estava em Paris. Frequentava na altura o mestrado de História Medieval e, havia pouco mais de seis meses, era assistente estagiário. Decidido a conhecer a Bibliothéque Nationale dirigi-me, pela manhã, à Rua Richelieu e entrei...

Espequei no vasto átrio. Ao fundo, e por detrás de umas portas envidraçadas abria-se um pátio onde vários camiões descarregavam um esmagador "depósito legal". Meio atordoado, consegui encontrar a recepção e, sobretudo, a *receptionista* - por que será que não há mesas de leitura junto a certas recepções?..-

- "Bonjour monsieur"... Já não recordo o que balbuciei, mas é certo que balbuciei qualquer coisa. A questão resolveu-se quando, num misto de timidez e de orgulho, apresentei o meu cartãozinho de docente na *Faculté des Lettres de l'Université de Porto*, - "au Portugal, vous savez?". Um sorriso deslumbrante foi acompanhado por uma não menos deslumbrante eficiência. Em menos de 15 minutos tinha um cartão especial, com fotografia, tirada ali mesmo à-

la-minute e já então a cores, e válido por três dias para a Secção de Manuscritos...

A humilhação, suprema diria, veio depois: o "monsieur le professeur", então um pouco mais ambientado, teve a desdita de perguntar pelos ficheiros, vocês sabem, aquelas caixas estreitas e compridas com cartões! Que não, que os ditos dessa secção estavam já informatizados e que teria de fazer a pesquisa nos terminais.

Claro! Ora essa! Pois então! *Parfaitement!* "Em frente ao palácio", e após algumas tentativas frustradas, e já depois de, de tanto teclar, ter entupido o sistema, ruminei uma forma de sair airoso e - em Roma sê romano - à francesa!

Dirigi-me então, directamente, ao primeiro andar e, com o flamejante cartão na lapela, penetrei na sala dos Manuscritos. Amadeirada, ampla e com largas janelas rasgadas sobre o pátio, fui aí recebido, agora por uma velha senhora. Obviamente distinta, logo compreendeu o meu drama. Também ela odiava a informática e logo me forneceu os catálogos impressos dos manuscritos portugueses ali conservados.

Fiz o pedido e, ao fim de dez minutos ali estava ele à minha frente. Quem, perguntarão? O Infante, o do inconfundível chapéu! Tinha nas minhas mãos trémulas a *Crónica da Conquista da Guiné* do Zurara, com pequenas notas a lápis, na margem, feitas pelo Visconde de Santarém!

Há momentos da nossa vida, e Bibliotecas, que nunca mais se esquecem...

Corria o mês de Outubro de 1991 e, por razões profissionais, encontrava-me em Lisboa. A luminosidade, o rio, as suas ruas e casas pombalinas continuam a encantar-me. Será, por ventura, um lugar-comum, mas que importa. Quem lá viveu sabe bem o calor que a sua alma nos transmite. E, depois, os meus rituais: a esplanada da *Brasileira*, "subir" os alfarrabistas até ao Príncipe Real, deambular no Bairro Alto...

Mas vamos à outra história. Era Outubro e estava em Lisboa. Desde Agosto de 1988 que recolhia dados para a minha dissertação de doutoramento de História Medieval. Tendo concluído as pesquisas na Torre do Tombo, chegara a altura de passar para a Biblioteca Nacional.

Chegado ao edifício do Campo Grande, e depois de convenientemente interrogado por um diligente "segurança", dirigi-me ao balcão das informações para saber como poderia obter um cartão de leitor para a secção dos Reservados. Devidamente informado, entrei para uma pequena sala já repleta de "candidatos" a leitores. Após uma hora de espera, e depois de preencher os inevitáveis e infundáveis impressos, a que se anexaram duas fotografias, tipo-passe e em artístico preto e branco, fui informado que na semana seguinte poderia levantar o almejado cartão.

Debalde expliquei que era do Porto, que me encontrava em Lisboa propositadamente para trabalhar na Biblioteca Nacional. Que não, que eram as normas. Se fosse possível um cartão provisório, uma guia, insisti... Que não, também. Pedi, então, para falar com a responsável. Que sim, mas talvez só à tarde ou no dia seguinte.

Para matar o tempo resolvi ir para os ficheiros, aqui ainda plenamente em funções. Perguntei se havia hipótese de

saber que manuscritos medievais existiam, para além do fundo de Alcobaça e dos pergaminhos. Que não, ainda... Terá que ver todos os ficheiros... Desisti.

De tarde sempre fui recebido. *Muito bem*, a Dra. ... informou-me amavelmente aquilo que eu já ouvira - "é de todo impossível dar-lhe hoje um cartão". Palavra puxa palavra, perguntou-me o tema da minha tese - "sobre nobreza medieval", respondi. Proferido, pelos vistos, o *abracadabra*, o tom mudou - "não me digaa, mas é imensamente interessante!".

Passados quinze minutos era-me entregue, em discreto envelope, o meu cartão de leitor da Biblioteca Nacional de Lisboa...

Numa bem iluminada sala do segundo piso fiquei, de imediato, mais culto. Fiquei a saber, por exemplo, que os pergaminhos se encontram ali catalogados por cores: os pretos, os azuis, os vermelhos e os roxos. Perante o meu indisfarçável espanto, fui gentilmente informado que a classificação tinha a ver com o tamanho dos ditos - pequenos, médios, grandes e muito grandes - o que, atendendo à relação cor-tamanho, me fez lembrar algo que tem a ver com a *trifuncionalidade*...

Lá fiz o pedido e, ao fim de meia hora, lá estavam eles à minha frente. Quem, perguntarão? Os pergaminhos, naturalmente! Só que estes, já não sei se roxos se pretos, deviam ser muito especiais porque, quando os colocaram em cima da mesa, disseram-me em voz sussurrante: -"cuidado que são em pergaminho"...

Há momentos da nossa vida, e Bibliotecas, que nunca mais se esquecem...

Estamos em 1996, e a Biblioteca da nova Faculdade de Letras da Universidade do Porto tem condições únicas que deverão ser devidamente aproveitadas. Gostaria de deixar aqui, nestes dois apontamentos pessoais, e que são a resposta ao convite e apelo de colaboração que amavelmente me dirigiram, por um lado o testemunho da minha gratidão para com todos os que a organizaram e, por outro, um voto para que todos contribuam também na construção de uma biblioteca que se possa recordar...

*José Augusto de Sottomayor Pizarro*